

ESTUDO SOBRE O FEMINISMO DE ANGELA DAVIS E O MOVIMENTO FEMINISTA NEGRO BRASILEIRO

Laene da Silva Abade (PIBIC/CNPq/FA/Uem), Daniele de Andrade Ferrazza (Orientadora), e-mail: daferrazza@uem.br.

Universidade Estadual de Maringá / Centro de Ciências Humana Letras e Artes

Área e subárea do conhecimento: Psicologia, Psicologia Social

Palavras-chave: mulher negra, Angela Davis, interseccionalidade

Resumo

O objetivo desse trabalho foi investigar as relações e divergências entre o movimento feminista negro nos EUA e o feminismo negro no Brasil. Trata-se de um estudo bibliográfico, no qual, primeiramente, foi realizada a análise do livro “Mulheres, raça e classe” de Angela Davis com intuito de contextualizar a história do movimento feminista negro americano e verificar as principais noções históricas e sociais apresentadas pela ativista. Posteriormente, foram selecionados e analisados, de acordo com os critérios de inclusão e exclusão definidos na metodologia, 18 artigos científicos brasileiros publicados na base de dados da SciELO com os seguintes indexadores: Feminismo Negro, Angela Davis, Interseccionalidade e Movimento Negro. Conclui-se que as interfaces entre o feminismo norte-americano e o feminismo negro no Brasil são perpassados pela estrutura social dominante e ao se falar sobre a luta feminista é necessário um movimento que vá além de gênero ou raça, incluindo todas as formas de ser mulher, sendo o feminismo interseccional o mais potente para embasar a luta feminina atualmente.

Introdução

O movimento feminista possibilitou a disseminação de concepções para abolir as desigualdades que as mulheres enfrentavam. Nesse sentido, a luta do movimento feminista era para que a mulher deixasse de estar em função do homem para se tornar também um ser individual, independente e protagonista da sua própria história.

A suposta universalidade do gênero trazia mobilizações de mulheres, em sua maioria brancas, características que se distanciaram das problemáticas vividas pelas mulheres negras (CARNEIRO, 2011). A mulher negra estava a parte do movimento feminista e suas demandas e pautas estavam ausentes, ao se falar sobre raça o sujeito é o homem negro, ao se falar sobre gênero o indivíduo é a mulher branca. E a mulher negra não é branca e nem homem, perdendo a si mesma, ela é colocada como “o outro do outro” (RIBEIRO, 2017 p. 40-41).

O modo como a sociedade concebia a mulher negra é diferente do modo como se compreendia a mulher branca e, conseqüentemente, também no âmbito do

movimento feminista, as demandas das mulheres negras sempre estavam à margem e ofuscadas nas pautas “brancas”.

Nesse sentido, a presente pesquisa teve como objetivo de investigar as relações e divergências entre o movimento feminista negro nos EUA e o feminismo negro no Brasil. Mais especificamente, o trabalho teve os objetivos de: 1) analisar o livro “Mulheres, Raça e Classe” de Angela Davis, com destaque para as principais ideias acerca do movimento feminista negro nos EUA e o contexto social e histórico de sua produção; 2) investigar os artigos brasileiros produzidos nos últimos 10 anos, publicados na base de dados da SciELO – (*Scientific Electronic Library Online*), sobre o movimento feminista negro no Brasil; e 3) produzir uma análise sobre as interfaces do feminismo negro de Angela Davis e o feminismo negro brasileiro.

Materiais e métodos

A presente pesquisa bibliográfica sobre o movimento feminista negro foi realizada em 3 etapas.

Na primeira parte da pesquisa, foi realizado uma contextualização sobre vida da ativista americana Angela Davis a partir do documentário “Libertem Angela Davis” com intuito de explorar o que é ser mulher, feminista e negra na América. Além disso, por meio da análise do seu livro “Mulheres, Raça e Classe”, apontamos as principais pautas acerca do movimento feminista negro nos EUA e o contexto social e histórico de sua produção.

Na segunda etapa, foi realizada uma pesquisa bibliográfica através da base de dados da SciELO – (*Scientific Electronic Library Online*) sobre o movimento feminista negro no Brasil. Para tanto, foram selecionados 106 artigos publicados nos últimos 10 anos, no período de 2008 até 2018, utilizando-se dos seguintes indexadores: Feminismo Negro (13 artigos), Angela Davis (2 artigos), Interseccionalidade (44 artigos) e Movimento Negro (47 artigos). Subsequente a leitura dos resumos dos artigos selecionados e aplicados os critérios de exclusão daquelas publicações que não abordavam temas relacionados ao objetivo da pesquisa sobre feminismo negro, Angela Davis, interseccionalidade negra e movimento negro feminista, assim como excluídos também artigos semelhantes e com o mesmo propósito, obtivemos um total de 18 artigos selecionados e analisados integralmente.

Por fim, na terceira etapa da pesquisa, foram apresentadas análises sobre as interfaces do feminismo negro de Angela Davis e as produções acerca do feminismo negro brasileiro.

Resultados e Discussão

Angela Yvone Davis nasceu em Birmingham no Alabama no ano de 1944, foi uma famosa ativista da sociedade americana e cultivava admiradores e inimigos. Inúmeras pessoas faziam campanha contra sua atuação política e ao mesmo tempo ela era reconhecida como fonte de inspiração para outros jovens negros que sofriam constantemente racismo, maus tratos policiais e segregação. Em sua obra “Mulheres, raça e classe”, publicada em 1981, procurou demonstrar de maneira epistemológica o modo como os diferentes tipos de opressões – gênero, raça,

classe – estruturam a sociedade, se entrecruzam e combinam. Para a filósofa, voltar-se apenas para a questão de classe social não seria suficiente para ascensão da mulher negra e que seria necessário analisar também desigualdades sociais, pobreza, discriminação, gênero, raça, representatividade e todas as categorias que abrangem a luta das mulheres.

Na análise das publicações selecionadas sobre o movimento feminista negro brasileiro foi possível compreender que seus primórdios ocorrem com o fim da escravidão momento no qual não havia lugar para a produção rural que englobasse os negros. O movimento negro não se portava de maneira independente, mas como um conjunto de homens e mulheres participando de maneira ativa e homogênea no interior das agremiações, o foco da luta estava ligado as questões de raça e pouco se falava sobre as especificidades da mulher negra (DOMINGUES, 2009).

O feminismo negro nos moldes da interseccionalidade no Brasil emergiu na década de 1980, influenciado principalmente pelo crescimento das pautas de mulheres negras na América, o que possibilitou às mulheres negras compreenderem a maneira que as desigualdades são construídas historicamente dadas nas relações de gênero e raça, mediadas pela classe social, produzindo profundas exclusões e sofrimento de um grupo (DAMASCO, MAIO e MONTEIRO, 2012).

É possível analisar, através do material bibliográfico estudado, que a constituição do feminismo negro brasileiro e o feminismo de Angela Davis possuem muito mais semelhanças do que diferenças. As agremiações presentes na comunidade brasileira e americana demonstravam possuir um caráter exclusivo de luta, isto é, o feminismo branco lutava pelas mulheres brancas e os homens negros pelos negros, ambos não possuíam um espaço adequado para as pautas das mulheres negras em seu movimento. Todos os grupos tinham objetivos atrelados a princípios coletivos identitários, mas não relacionados a um sistema injusto e desigual, pois para eles a sociedade em suas nuances era aceitável e para Davis o problema estava além da identidade do grupo, visto que, uma única pessoa poderia englobar inúmeras identidades e este é o principal aspecto do feminismo interseccional.

Conclusões

Angela Davis foi um dos grandes nomes da sociedade americana que entrelaçou formas de opressão para estruturar uma luta organizada onde todos pudessem ter voz. Mas em seu livro “Mulheres, raça e classe”, Angela Davis pontua uma análise do movimento feminista que naquele momento se mostrava distante do feminismo interseccional, pois mesmo tratando dos temas sobre mulheres e sobre opressões relacionada a gênero, Davis trabalhava com o viés da raça acima de qualquer outro aspecto, movimento relacionado a sua participação no Partido dos Panteras Negras, do Partido Comunista e da luta contra o encarceramento e segregação da população negra. Davis lutava pela população negra, sempre enfatizando o papel da mulher nessa luta, e defendia o feminismo negro e uma revolução comunista como forma de acabar com as opressões.

No Brasil, o movimento feminista negro desde suas origens tem se voltado principalmente para as discussões sobre gênero e raça, e o trabalho dos movimentos sociais e populares nos últimos anos refletem uma maior consciência sobre a realidade dessa mulher. Na perspectiva do feminismo interseccional, o

principal tema das reivindicações tem sido marcado pelas questões da saúde, educação, trabalho e na luta contra a violência de gênero, o que tem promovido um processo de conscientização crítica do lugar da mulher negra sempre submetida à margem da sociedade. Conclui-se que as interfaces entre o feminismo norte-americano e o feminismo negro no Brasil são perpassados pela estrutura social dominante e ao se falar sobre a luta feminista é necessário um movimento que vá além de gênero ou raça, incluindo todas as formas de ser mulher, sendo o feminismo interseccional o mais potente para embasar a luta feminina atualmente.

Agradecimentos

À Profa. Daniele de Andrade Ferrazza pelas orientações, colaborações, acolhimento e paciência durante a realização dessa pesquisa.

À Fundação Araucária pelo financiamento que possibilitou a realização deste projeto.

E à minha família e amigos por todo apoio durante essa jornada.

Referências

CARNEIRO, Sueli. **Mulheres em movimento**. Estudos Avançados, São Paulo, v. 17, n. 49, p.117-132, 15 set. 2003.

DAMASCO, Mariana Santos; MAIO, Marcos Chor; MONTEIRO, Simone. **Feminismo negro: raça, identidade e saúde reprodutiva no Brasil (1975-1993)**. Estudos Feministas, Florianópolis - Sc, v. 20, n. 1, p.133-151, abr. 2012.

DAVIS, Angela. **Mulheres, Raça e Classe**. São Paulo: Boitempo, 2016.

DOMINGUES, Petrônio. O recinto sagrado: educação e antirracismo no Brasil. **Cadernos de Pesquisa**, Sergipe - Al, v. 39, n. 138, p.963-994, dez. 2009.

RIBEIRO, Djamila. **O Que é Lugar de Fala?** Minas Gerais: Letramento 2017.